

JORNAL DE BRASÍLIA

30 ABR 1988

Alvaro Pereira

AVL p 2

1º ABR 1988

A hora da razão

JORNAL DE BRASÍLIA

Presidencialismo, com mandato de cinco anos para os futuros presidentes da República. Assim que essa fórmula foi consagrada pela maioria do plenário da Constituinte, há cerca de vinte dias, as reações emocionais de vencidos e vencedores sugeriam mudanças profundas no quadro político e partidário. Triunfalistas, as lideranças do governo anunciaram a formação de um bloco parlamentar de apoio ao presidente Sarney e à transição democrática. Aquelas forças majoritárias que contribuíram para a vitória do presidencialismo, com mandato de cinco anos, seriam contempladas nos próximos dias com uma participação efetiva no Ministério.

As lideranças derrotadas, como o senador Fernando Henrique Cardoso, do PMDB de São Paulo, foram da mesma forma contundentes nas suas afirmações. Disse o senador paulista que seu partido, majoritário na Constituinte, havia contribuído decisivamente para a vitória dos presidencialistas. Feita a constatação, ele deixou clara a sua disposição de seguir um novo roteiro político, que o levasse a resgatar os compromissos históricos do PMDB.

Numa primeira leitura, ficava a impressão de que o senador Fernando Henrique fosse assumir a liderança de um movimento dissidente que, em poucos dias, se transformaria em poderoso partido de centro-esquerda. O PMDB, como partido majoritário de apoio ao Governo, estaria com seus dias contados — e o deputado Ulysses Guimarães, na difícil situação de ter que optar entre a direita e a esquerda do partido. Com efeito, imaginava-se que o Governo fosse evoluir da idéia do bloco parlamentar para uma proposta mais concreta: a da formação de um partido político de apoio ao Governo.

Nada disso, porém, aconteceu. De um lado, os dissidentes do PMDB limitaram-se a entregar ao deputado Ulysses Guimarães, na última sexta-feira, um manifesto em que comunicam seu rompimento com o Governo. A formalização de uma dissidência significava que os vencidos, apesar de tudo, continuariam a integrar os quadros do PMDB. Depois da reação emocional, pesará o argumento racional daqueles que viam na ruptura partidária uma

decisão de alto risco.

Por outro lado, mudava também a posição do Governo. Lideranças de reconhecida competência política, como o assessor especial Thales Ramalho, transmitiram ao presidente Sarney a convicção de que o melhor era manter a estratégia política atual: o Governo poderia continuar trabalhando informalmente com os diversos partidos políticos, sem a necessidade de se formalizar a formação de um bloco. Se a estratégia estava dando bons resultados, para que alterá-la? Além disso, políticos que votavam sistematicamente com o Governo se sentiriam contrangidos numa postura nitidamente "governista", por integrarem partidos independentes ou de oposição.

Foi-se, portanto, a idéia do bloco, e os dissidentes do PMDB parecem distantes de uma ruptura. Aqueles que se desligaram prematuramente do partido — caso, por exemplo, dos deputados Fernando Lyra e Pimenta da Veiga —, correm o risco de ficar expostos ao sol e a chuva, na véspera das eleições municipais.